

≡ O Padre Américo ≡ RAINHA DOS MARES

Não precisou a «Voz da Fátima» de anunciar a sua morte. A notícia espalhou-se como um relâmpago em Portugal inteiro, na manhã do dia 16 de Julho, dia de Nossa Senhora do Carmo, há quase três meses.

Ninguém ignora o seu desaparecimento, nem o seu grandioso e maravilhoso apostolado, através da Obra da Rua, do Património dos Pobres e do Calvário.

O que muitos desconhecem é a beleza da sua alma sacerdotal, a força da sua vida interior, totalmente doada ao Senhor, fazendo aos 41 anos, nas mãos do Senhor Bispo de Coimbra, os votos de pobreza, castidade e obediência, em termos precisos e inequivocos.



O Padre Américo fez a homilia da Missa dos Doentes, na Peregrinação de 13 de Maio de 1952. Com aquele pequenino sermão — que mais foi uma ORAÇÃO, como lhe chamou o redactor da revista belga «Médicatrice et Reine» — alastrou rapidamente por Portugal inteiro a obra magnífica do «Património dos Pobres».

O que muitos pensam é que o P. Américo não passava de um homem bom, uma santa alma, um Padre livre, que não queria nada com os Bispos ou que vivia à margem dos problemas e da disciplina da Santa Igreja, espécie de filantropo a quem sobretudo interessava malar a fome, ou fazer casas para pobres... Nada mais falso.

Quem o ouviu pregar os seus sermões, quem o viu celebrar a Santa Missa, ou as orações recolhido, ou a confessar-se humildemente, quem o viu a pedir os sacramentos todos da Igreja, plenamente consciente, na véspera da sua morte, quem leu o seu testamento e conhece o teor dos seus votos, quem pôde ler a sua carta ao Senhor Bispo de Coimbra em Junho de 1928 e, sobretudo, quem conviveu com ele na intimidade de muitos dias, sabe ao certo e pode demonstrar à história e à posteridade que o Padre Américo era, acima de tudo, um homem de Deus e um carácter sacerdotal, um Padre da Santa Igreja Católica, à maneira de S. Francisco de Assis, de S. João Bosco, de Santo Inácio de Loiola ou de S. Vicente de Paulo.

Quem escreveu estas linhas conhece um Sacerdote a quem o Padre Américo enviava pessoas, homens e senhoras, cujas almas precisavam de cuidados espirituais particulares e frequentes, que ele, por sua vida dispersa, não podia continuar a dispensar.

A ternura pela Pessoa adorável de Nosso Senhor Jesus Cristo e a devoção ao Seu Santíssimo Nome, eram-lhe peculiares. Passava horas esquecidas junto do sacrário, sobretudo quando tinha de tomar alguma iniciativa importante. Rezava diariamente os três terços do seu Rosário a Nossa Senhora. Só por gravíssimo motivo deixava de celebrar a Santa Missa.

Assim se prendia a Cristo aquele que de Ele aprendera a vê-Lo em seus irmãos pobres e sofredores.

Que ninguém pense que é obra puramente humana a do Padre Américo. Traz o selo da caridade mais perfeita. Por isso há-de continuar-se com a Santa Igreja e dentro dela, como ele afirmou expressamente na última alocução que pronunciou em público — 8 de Julho, no Património dos Pobres do Carvalhido.

Evoquemos a memória do saudoso Padre Américo. A melhor maneira de o fazer será viver o seu espírito e continuar a sua Obra.

A primeira Catedral no Mundo dedicada a Nossa Senhora da Fátima

É a de Nampula, na nossa Província de Moçambique. Foi sagrada no dia 23 de Agosto por Sua Eminência o Senhor Cardeal-Arcebispo de Lourenço Marques, D. Teodósio Clemente de Gouveia.

Além do Prelado de Nampula, D. Manuel de Medeiros Guerreiro, e do Bispo da Beira, D. Sebastião Soares de Resende, esteve também presente à grandiosa cerimónia o Senhor Presidente da República, com toda a sua Comitiva.

A Catedral, iniciada quando era Bispo da Diocese o falecido D. Frei Teófilo de Andrade, concluiu-se agora sob o governo de D. Manuel de Medeiros Guerreiro.

O projecto é de autoria do Arquitecto Raúl Lino e apresenta um estilo muito original, misto de português e de africano.

Tem sete altares, sendo o altar-mor dedicado a Nossa Senhora da Fátima e os restantes: ao Coração de Jesus, S. José, Santa Teresinha do Menino Jesus, Santa Isabel, Santo António e S. João de Deus.

No pórtico estão as imagens, em mármore, de S. Francisco Xavier e S. João de Brito.

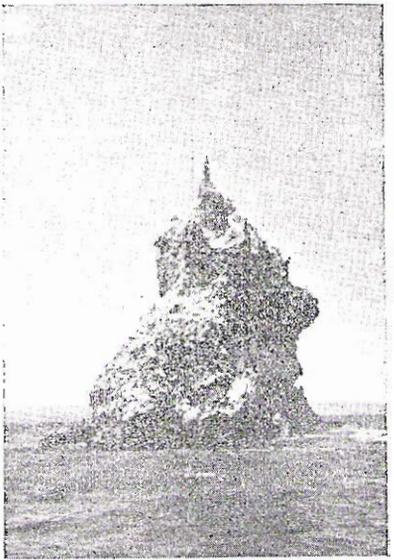
Por cima da porta principal, um alto relevo, também de mármore, representa a aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos da Fátima.

De San Brás (Estado de Nayarit — México), escreve-nos o Rev. Pároco, P.º João Guardado Cisneros.

«Tendo em conta os muitos milagres que, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, a Virgem Santíssima fez neste lugar, pedimos à Santa Sé que no-La desse por Padroeira principal, e confirmasse também o Padroado de S. Brás, Bispo e Mártir, que vem já desde tempos imemoriais; o que tudo o Santo Padre se dignou conceder paternalmente e mandou que se celebrasse para sempre a festa da Padroeira no dia 13 de Maio de cada ano.

Para perpetuar este facto e para comemorar a fundação neste porto do «Apostolado do Mar», inaugurámos em 1955 uma estátua de Nossa Senhora da Fátima, sobre uns penhascos, a 2 quilómetros da costa. A estátua é de pedra, com 2,60 m. de altura, e assenta num pedestal de 3, a 24 metros acima do nível das águas. Pôs-se ali um pára-raios e ergueu-se um pequeno campanário, com um sino muito sensível, que o vento, quando muito forte, faz tocar, para assim avisar da aproximação das tempestades os pescadores desprevenidos.

Pela fotografia que mando poderás ver como a Rainha dos Mares já tem em San Brás o seu trono, pois pareceu-nos conveniente consagrar-Lhe não só a paróquia, mas também as águas deste porto do Pacífico».



Poucos dias depois de o Dr. Silva Pinto ter enviado para a Voz da Fátima os seus dois artigos acerca das operações de queratoplastia, isto é, do enxerto da córnea dum cadáver com o generoso objectivo de remediar afecções oculares em doentes, referiram-se os jornais ao discurso em que Sua Santidade tratou do assunto na recepção aos membros da Associação Italiana dos Dadores de Olhos, aos quais se haviam juntado oculistas e médico-legistas.

O Papa Pio XII afirmou que, no ponto de vista moral e religioso, nada havia que se opusesse à operação em si mesma. Mas que ela poderia tornar-se ilícita, se violasse os direitos e os sentimentos dos parentes ou amigos do falecido.

Recordando o gesto do bondoso Padre Gnocchi que deu os seus olhos para que fossem utilizados depois da sua

PALAVRAS DUM MÉDICO

Ainda a propósito das transplantações das córneas

Santidade admitiu que um homem disponha do seu corpo para fins úteis, moralmente irreprensíveis e mesmo elevados. E aconselhou a que se educe o público de maneira a fazê-lo compreender a utilidade de certas operações e a conseguir, deste modo, sem faltar ao respeito devido ao cadáver e aos direitos da família, o consentimento dos interessados para a extracção de certos órgãos de cadáveres humanos. Assim se podem evitar conflitos, interiores e exteriores, individuais, familiares e sociais.

Tempos houve em que era muito grande

a relutância em entregar um cadáver para ser autopsiado ou dissecado pelos médicos e alunos de Medicina. E recordo que S. Francisco de Sales, parecendo-lhe que morria dum perigosa enfermidade que teve, mandou que o seu cadáver fosse entregue aos anatomistas, a fim de nele fazerem os necessários estudos. E, a este propósito, o nosso Bernardes comenta na «Nova Floresta»: «Nesta intencional anatomia do seu corpo, nos faz Sales outra do seu espírito, mostrando (sem o pretender) ser tal a sua caridade com os próximos, que até morto descjava servi-los

e que a terra do seu cadáver produzisse para eles frutos excelentes de paz». Mais perto de nós, também o saudoso Professor Maximiliano Lemos, devotado historiador da Medicina Portuguesa, exprimiu no seu testamento o desejo de ser autopsiado, pois, como director da Morgue nessa época, queria dar o exemplo da quebra da relutância que então ainda existia pelas autopsias.

Agora, o benemérito Padre Gnocchi dispôs dos seus olhos, intenção que já também manifestou, segundo relataram os jornais, a mulher do grande estadista Churchill.

Oxalá tais exemplos sirvam para educação do público, permitindo que entre nós as autoridades legislem no sentido de poderem os doentes beneficiar das operações de enxerto da córnea.

Hermíni Monteiro

Essa: "Voz da Fátima", Santuário, 35 (409), 13 Out. 1956
p. 4, eds 3/4